

## VERUNSCHK, MICHELINY. *NOSSA TERESA – VIDA E MORTE DE UMA SANTA SUICIDA*

São Paulo: Editora Patuá, 2014.

Eduardo Cesar Maia  
(UFPE)

### Um romance de ideias (desencarnadas)

Em seu romance de estreia, *Nossa Teresa – vida e morte de uma santa suicida* (Patuá Editora), Micheliny Verunschck – dona de uma carreira literária sólida no campo da poesia – relata a inusitada trajetória cruzada de uma santa suicida e de um padre que se torna Papa. Na verdade, esse é apenas o pano de fundo para uma série de outros relatos e, sobretudo, para muitas divagações por parte do narrador, um velho meio ranzinza que adora provocar o leitor e que faz questão de ser digressivo e elíptico ao nos contar sobre a desventura de Teresa e ao discorrer sobre sua própria forma de ver o mundo. O caráter radicalmente fragmentário do romance – expediente tão comum na prosa contemporânea – me parece resultado justamente das idiossincrasias e da “personalidade” do enigmático narrador. Há, é verdade, uma espécie de unidade conceitual na obra, fundamentada na exploração das temáticas centrais: a santidade e o suicídio. A fragmentação da narrativa, por sua vez, relaciona-se à estrutura geral do romance: capítulos que funcionam como painéis nos quais vamos acompanhando, através do relato um tanto confuso do velho narrador, histórias quase independentes, unidas não por algum fio narrativo, mas pela relação, direta ou indireta, com a temática do livro.

Não farei nesta resenha propriamente uma apresentação detalhada da obra, nem ao menos fornecerei aos possíveis futuros leitores uma sinopse. Isso porque, em *Nossa Teresa*, o desenvolvimento do relato central e dos personagens, mesmo os mais importantes (Teresa, seus pais, o padre, entre outros), não parece ser o objetivo maior da autora. Darei exemplos em defesa do que afirmo. Em primeiro lugar, a protagonista é quase sempre apresentada à distância, e nunca chegamos a conhecer as motivações íntimas de Teresa – o que é, no mínimo, curioso, em se tratando de uma personagem suicida.

Ficamos com o sentimento de que a ideia de uma santa que deu cabo da própria vida, por si só, é tão forte que o desenvolvimento da personagem, com seu cotidiano, seus pensamentos, seus dramas internos, parece ter ficado em segundo plano. Nem mesmo o processo de canonização de Teresa é explicado de forma convincente: como uma suicida se tornou santa? De que maneira e com que argumentos os membros da Igreja conseguiram abrir tamanho precedente, passando por cima de um dogma sagrado? Para a autora, não pareceu importante explicar... É claro que a ficção permite tudo isso, mas ficamos, nós leitores, com a impressão de que não importava tanto explorar as possibilidades dramáticas do relato em si, mas somente penetrar no inusitado e espantoso da ideia central – uma santa suicida – para tecer comentários e realizar reflexões sobre o mundo.

Trata-se, portanto, de um romance, ou, talvez mais precisamente, de uma novela, de ideias – ou melhor, de divagações –, porém, suspeito, a autora não logrou a forma *literariamente* ideal para tanto. Não que isso desmereça a obra como um todo. Micheline Verunschik guarda, de sua veia poética, a capacidade de construir imagens fortes: “Só mesmo um Deus de invenção para não tremer e morrer sem estar morto perante a triste figura de sua criança despedaçada” (p. 14); elabora metáforas que nos fazem repensar nossa forma convencional de olhar o mundo, alertando nossos sentidos para outras perspectivas, como na passagem do hipogrifo (uma espécie de máquina do tempo, como o hipopótamo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*), em que somos levados a refletir sobre os sentidos que damos ao passado, histórico e pessoal, através da mistura nem sempre discernível entre memória e invenção: “A vida passa e as histórias se transformam, embora nunca se possa saber exatamente qual é a verdade” (p. 26). *Nossa Teresa* nos mostra que os ficcionistas, assim como os antropólogos, arqueólogos e historiadores, possuem a ânsia comum de desvendar o sentido do já ocorrido, cada um com seu instrumento, suas ferramentas próprias de “desocultação do passado”. A história – nosso passado comum – seria uma espécie de “quebra-cabeça”, e a metáfora da “nuvem” (p.28), muito feliz por sinal, refere-se a seu movimento contínuo.

Não obstante tudo isso – todas as qualidades que possamos enumerar do livro –, meu senão fundamental ao romance se fundamenta na percepção de que a escritora não logrou um resultado convincente do ponto de vista *literário*. Explico-me: a boa literatura pode – e deve – ser um veículo de ideias, desde que essas ideias estejam plasmadas de forma persuasiva no contexto

da obra. André Maurois usou a expressão “ideias encarnadas”, ao se referir à carga filosófica da literatura de Albert Camus. Maurois queria dizer simplesmente que o autor de *O estrangeiro* lograva transmitir pensamentos, conceitos e reflexões *através* de sua prosa, do drama retratado e da caracterização dos personagens e de suas vidas interiores. Outro exemplo, bastante claro, do que sugiro é o do narrador-personagem Riobaldo, em *Grande Sertão: veredas*. Em seu longo monólogo, o ex-jagunço transmite uma série de ideias, de natureza filosófica, religiosa ou política, mas nenhuma delas nos é apresentada como um discurso, como proselitismo ou como divulgação de uma teoria ou uma ideologia. As ideias estão configuradas *literariamente*, encarnadas nos personagens e em suas ações, não como parte de uma abstração teórica.

Infelizmente, em *Nossa Teresa*, ainda quando ideias interessantes estão sendo levantadas, não há esse elemento essencial à ficção que é nos fazer crer em *sua* verdade. Para simplesmente transmitir ideias ou teorias, por que não escrever um livro de ensaios, um tratado, uma tese? Não se trata de discutir limites ou regras – extremamente flexíveis, como sabemos – do gênero “romance”, mas de atestar que, no caso de *Nossa Teresa*, aquilo que é narrado não nos convence nem mesmo em seus próprios termos.

Em *Nossa Teresa*, os “discursos” são constantes: a estrutura fragmentária da narrativa, mencionada anteriormente, confere liberdade às divagações e digressões do narrador, e isso nem sempre funciona bem. Tais reflexões, na maior parte das vezes, soam professorais, acadêmicas, abstratas... E isso deixa o livro carregado de uma artificialidade que prejudica sua fluência como obra ficcional. Parece-me desnecessária essa ânsia de conduzir o leitor para sua visão de mundo “crítica”. Encontramos pensamentos esparsos sobre a memória, o sentido da história, as injustiças do passado, o lugar da mulher, a religião, a morbidez da curiosidade humana, o excesso de informação no mundo atual, o controle da mídia sobre o imaginário etc. Um festival de ideias soltas, ainda que muitas delas sejam pertinentes. Apresento a seguir alguns exemplos (entre muitos outros possíveis):

– Na página 87, lemos, a propósito da influência negativa da mídia: “A resposta vem quase sempre editada, retocada, conformada a padrões estéticos, políticos, ideológicos. Vemos o que precisamos ver. Imaginamos o que mastigam para nós”. O curioso dessa passagem, que em si é apenas repetição de um lugar-comum, é que, anteriormente, o mesmo narrador, em outro contexto, tinha deixado claro que era à nossa imaginação que cabia completar a

construção e a inteligibilidade do mundo. O determinismo da frase acima não deixaria espaço algum para essa liberdade da fantasia.

– Um pouco mais adiante (p. 88), vemos um exemplo claro no mesmo sentido: “Embora a imaginação coletiva não venha tendo muito trabalho a fazer numa época saturada de imagens e informação, a curiosidade humana não cessa, mesmo que a mim pareça um acúmulo de inutilidades os motes sobre os quais versam os questionamentos da maioria. Ficar mais de cem horas em frente de uma TV acompanhando o sequestro de uma adolescente por um homem perigosamente armado e ensandecido é um exemplo”. O leitor se sente, nesses momentos, um calouro no curso de comunicação social, recebendo lições sobre a maligna *indústria da informação*.

– As críticas às novas mídias, claro, não poderiam deixar de aparecer: “As redes sociais pipocando previsões, piadas, toda sorte de juízos” (p. 88).

– Esta outra passagem tem ares frankfurtianos: “O que quer que seja que possa se transformar em imagem, notícia e, conseqüentemente, em mercadoria, atíça o olhar curioso, vulnerável, voraz e tediosamente superficial dos homens e mulheres de nosso tempo” (p. 89).

– Em outros momentos, temos a impressão de estarmos numa aula de teoria literária, como neste caso: “Tudo nesse mundo é oscilação e instabilidade. Tudo que depende da linguagem se move sem que se possa determinar fielmente seu roteiro” (p. 26). Um dos papas da linguística e da teoria literária, Jakobson, chega a ser mencionado: “E Jakobson, por acaso leu algum poema de íntimo suicida?” (p. 68).

– O tom panfletário também aparece em algumas ocasiões. Ficamos sabendo, por exemplo, que a capacidade de subversão é atributo eminentemente feminino (p. 11), e os exemplos mítico-religiosos de Eva e Pandora seriam a “prova” disso. Além da generalização imprópria (mulheres não são mais ou menos subversivas que os homens, os indivíduos é que podem ser comparados concretamente), essa pequena passagem atesta a fragilidade da construção do narrador: não fica claro o porquê de um velho ranzinza fazer proselitismo feminista em meio ao seu relato... Fica a impressão de que a escritora não criou um narrador-personagem, mas somente um fantoche para, por vezes, externar seus pontos de vista.

Essas constantes digressões do narrador-divagador prejudicam muito a relação que o leitor poderia criar com a história e com seus personagens, mas desconfio que esse possa ser, na verdade, o intento da autora. Micheline Verunschik não se propôs, em *Nossa Teresa*, a nos contar uma história: ela se preparou para dar uma aula. A escritora não logrou dotar seu livro e seus personagens de *vida própria*, daquilo que garante o sucesso da ficção: persuadir-nos de que aqueles seres e situações existem ou poderiam existir – bloquear, por pelo menos alguns instantes, nossa descrença em relação ao novo mundo que nos é apresentado. Em *Nossa Teresa*, isso nunca acontece. O narrador “se entrega” várias vezes: é simplesmente a autora sob um disfarce, dando aulas sobre temas do seu interesse. O livro não pulsa e, apesar de tratar de tema tão impactante, não tem carne nem sangue, não tem vida... E, portanto, falha como literatura.

Por fim, sou obrigado a concordar com o próprio narrador: “o leitor deve achar cansativo esse labirinto de Creta” (p.31). De fato.